



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares



► Ermelinda Pacheco Gago da Câmara (c.1860-1880). ICPD – Coleção Particular. Ref.: PT/ICPD/CFD.00167.

Ermelinda Pacheco Gago da Câmara (n. 23.03.1832, Ponta Delgada – m. 16.08.1913, Ponta Delgada) era filha de Simplicio Gago da Câmara e de sua mulher, Antónia Justina Pacheco de Melo (nascida Pacheco de Bulhões e Mello). Foi herdeira da grande casa vincular administrada por sua mãe, para além dos bens de seu pai. Dispunha de propriedades que iam de Vila Franca do Campo (como o convento franciscano e o ilhéu, adquiridos pelo pai) à Maia (ondeante outras coisas, era proprietária da Gorreana e explorava um forno de cal na praia do Porto Formoso). A sua morada de residência seria em Ponta Delgada, no Calço da Mã Cara, na grande casa à direita quem sobe, pese embora se deslocasse muitas vezes a Lisboa.

Casou duas vezes, ambas com tios paternos: a 1.ª com José Honorato Gago da Câmara (1849, com 17 anos de idade), de quem teve 4 filhos, salientando-se José Honorato Gago da Câmara (1850-1903) e Simplicio Gago da Câmara (1851-1913); a 2.ª com Caetano Gago da Câmara (1865, com 32 anos de idade), de quem não teve mais filhos.

Simpatizante do partido Progressista, inovador negócio da plantaçã de chá em São

Miguel, ao lado de nomes como o de José do Canto e de Jácome Correia, fundando a Fábrica de Chá da Gorreana, e entrando, assim, no mundo dos negócios. A Fábrica de Chá Gorreana, fundada na Quinta da Gorreana que herdara de sua mãe, iniciou a sua produção em 1883, data em que obteve o primeiro quilo de chá seco, manufaturado a partir de folha produzida nas suas plantações. O chá seria um dos cultivos recomendados pela Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense (a que pertencia seu primeiro marido, José Honorato) como alternativa à produção de laranja, cujos pomares vinham a ser dizimados pela doença conhecida como “lágrima”. E inovadora foi sempre ao longo da sua gestão da Fábrica, introduzindo novas espécies de chá, como a *Assamica*, e merecendo, por isso, destaque na imprensa local. Na imprensa fazia-se ainda representar nos inúmeros anúncios de venda do chá da sua produção.

Ermelinda Pacheco Gago da Câmara foi, como era habitual às senhoras do seu estrato



► Ermelinda Pacheco Gago da Câmara e família (c.1890-1900). ICPD – Coleção Particular. Ref.: PT/ICPD/CFD.01044.



► Ermelinda Pacheco Gago da Câmara e seus netos. (1902). Na imagem identificam-se, da esquerda para a direita: Angelina de Gusmão Gago da Câmara (1881-1940), Maria Ana de Gusmão Gago da Câmara (1883-1966), Ermelinda Pacheco Gago da Câmara (1832-1913), Nuno José Gago da Câmara (1889-1963), Melânia de Gusmão Gago da Câmara (1884-1943) e Irene de Bulhões Gago da Câmara (1880-1947). ICPD – Coleção Particular. Ref.: PT/ICPD/CFD.01075.

social no século XIX, uma benemérita. Patrocinou a Associação Filhas de Maria (fundada pelo padre jesuíta, Carlos João Rademaker, cuja filial de Ponta Delgada nasceu em 1867, na sequência da sua viagem aos Açores), da qual foi membro da direção. Essa Associação mantinha uma escola feminina, na Mãe de Deus, em Ponta Delgada, destinada a crianças de famílias desfavorecidas. Foi igualmente uma devota benemérita das obras da Igreja, mandando construir, a suas expensas, a capela do Santíssimo Sacramento da Lomba do Louçã.

**Pedro Pascoal de Melo
Cristina Moscatel**

Recomendamos a leitura

O século XIX foi profícuo em literatura relacionada com a agricultura e botânica. A cultura do chá, sobretudo nos Açores, foi um dos temas que dominou a literatura da época, fosse em artigos publicados na imprensa local, fosse pela publicação de opúsculos relacionados com a área.

Destacamos, em primeiro lugar, o opúsculo da autoria de Frei Leandro do Sacramento, intitulado *Memória Económica sobre a preparação do chá*, publicado em 1879, logo após a vinda dos primeiros chineses, via Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, para o ensino do cultivo do chá em São Miguel. Este trabalho tem em anexo um Relatório daquela Sociedade sobre esse processo.

Salientamos, ainda, a obra de Gabriel de Almeida, com o seu *Manual do Cultivador e Manipulador do Chá*, impresso em 1892 em Ponta Delgada pela Typo-litographia Minerva, onde o autor escreve sobre o Chá, a história da sua introdução na ilha de São Miguel e sobre as melhores regras para o seu bom cultivo. Esta obra teve nova edição em 1893, em Lisboa. O mesmo autor, já escrevera sobre a mesma temática em 1883, com a *Breve Notícia da Cultura da Planta do Chá*, publicado em Ponta Delgada.

Destacamos, também, o opúsculo da autoria de Cristóvão de Aguiar, sob o título *A Cultura do Chá na Ilha de São Miguel*, publicado em Lisboa, em 1895. Cristóvão de Aguiar, agrônomo de profissão, escreveu sobre a expansão da cultura do Chá fora da China e do Japão, sobre as características das espécies de chá e sobre as várias técnicas para o seu plantio, colheita e manipulação.

Já em 1913, Aníbal Gomes Ferreira Cabido escreveria sobre a indústria do chá no Boletim do Trabalho Industrial, nº88, Universidade de Coimbra, publicando uma série de relatórios sobre o assunto.

Por último, destacamos a publicação de Mário Moura, intitulada *A História do Chá em São Miguel*, publicada em 2019 pela Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Boas Leituras!

Cristina Moscatel

Sabia que...

Ao longo do século XIX, focando o contexto socioeconómico, importa referir que o trabalho desempenhado pelas mulheres na esfera privada, não era visto como produtivo, mesmo que esse trabalho contemplasse em parte ou no todo, a gestão dos negócios da família. O papel de chefe de família, responsável pelo sustento, pela gestão familiar e pela sua representação pública era atribuído à figura masculina, remetendo as mulheres para um papel subalterno e dependente. Em vários casos, filhas ou viúvas, não podendo assumir institucionalmente ou politicamente os negócios da família e o património herdado, encontravam no casamento a solução. Exceções à regra eram as mulheres que assumiam os negócios sem recorrer ao matrimónio, mesmo quando surgem os movimentos sufragistas e de luta feminista.

Num panorama mais atual, avançando para finais do século XX, no sector agrícola nacional, de acordo com dados da Pordata, verificamos que as mulheres representavam apenas 15% dos produtores agrícolas singulares, sendo os restantes 85% representados por homens. Mais recentemente, os dados de 2019 mostram-nos um aumento para mais do dobro, correspondendo a 33% as mulheres produtoras, de um total de 274 248 produtores agrícolas singulares. Curiosamente, segundo o Censos de 2019, apenas 9% do total nacional destes produtores se situa na Região Autónoma dos Açores. Mas aqui, a percentagem de mulheres, em 1898 era somente de 8% e apesar de ter aumentado para 21% em 2019, ainda se mantém abaixo dos valores nacionais.

Não obstante, quando analisamos os dados da Pordata, de dirigentes de explorações agrícolas em Portugal, por sexo, verifica-se também um aumento na percentagem de mulheres que ocupa o cargo, de 15% em 1989 para 33% em 2019. Por outro lado, a mão-de-obra agrícola tem sido maioritariamente familiar. Neste contexto, as mulheres iam para o campo e ocupavam-se da casa, acumulando tarefas. A mão-de-obra agrícola não familiar era em percentagem muito inferior, desempenhada tanto por homens como por mulheres. A nível nacional, a mão-de-obra agrícola não familiar correspondia apenas a 6% em 1989, sendo de 11% em 2019. Mas no geral, a mão-de-obra na agricultura tem diminuído consideravelmente nos últimos 30 anos, tendo registado em 2019 menos 50% de mão-de-obra no setor, quando comparado com valores de 1989. Na análise por sexo, verificamos que em 2019 as mulheres são 43% do total de mão-de-obra agrícola e os homens 56%. É de salientar ainda, que a diferença salarial entre mulheres e homens, no sector da agricultura e das pescas, à semelhança de outros setores da nossa sociedade, é maior consoante o nível de qualificação. Assim, de acordo com a Pordata, em 2019 a diferença salarial média no geral, era de menos 12,7% para as mulheres, mas aumenta para uma diferença de 20,8% a menos quando se referem a salários de quadros superiores.

N'Zinga Oliveira